O Silêncio do *Stradivarius*

Rita olhou para os pedaços espalhados aos seus pés, alguns deles confundiam-se com as próprias tábuas, madeira sobre madeira, ainda que a nobreza do abeto em nada se comparasse ao pinho barato do soalho da sala. Uma das cravelhas de ébano rolou, a descompasso, para debaixo do sofá, logo o gato saltou, ágil, enfiando a pata por entre uma frincha, em sua busca.

Ali jazia, em partículas infinitas espalhadas como matéria indiferenciada aos seus pés, o *Stradivarius* dele, desfeito, estilhaçado, ainda há instantes um dos melhores violinos do mundo, agora uma amálgama desconexa de limalhas de madeira. Joon-seo, o grande, o inigualável violinista coreano da actualidade, estava agora órfão do seu mais precioso bem. Sozinha, ela e o violino, pela primeira vez, sem Joon no meio dos dois para dividir afectos. Rita sentiu o prazer imenso de contemplar o silêncio daquele caos.

Perscrutou com o pé o amontoado de peças, mirou-lhe as arestas aguçadas e as pontas rombas. O cheiro do verniz centenário começava a emergir e o seu coração bateu mais forte. Este cheiro era o mesmo cheiro dele, das mãos dele, quando Joon lhe acariciava a cara depois de um concerto. Adivinhava-o agora, ainda no avião, a ruminar os compassos da palestra, meio adormecido, a estudar as partituras da próxima chegada, sentindo-se demasiado satisfeito consigo mesmo. *"A superhuman being"*[1], dissera-o uma vez o *New York Times*. *"Le violoniste le plus charmant et talentueux de l'actualité"*[2] tinha sido a última manchete do *Le Figaro* sobre um seu concerto na Grande *Salle da Philharmonie* de Paris.

Um raio de sol atreveu-se por entre a janela e incidiu sobre uma das cordas do violino, projectando-se intermitentemente à medida que a cortina se agitava. Rita observou a forma como a luz quente de final de tarde se movia por entre os destroços dispersos. Havia, para si, uma certa segurança naquele caos, a expiação vingativa de uma ideia que lhe corroía o peito há já algum tempo. Uma aversão ao vazio que ficava sempre que Joon se ausentava, deixando-a na

[1] Em português: "*Um ser sobre-humano"*

[2] Em português: *"O violinista mais charmoso e talentoso da actualidade."*

incerteza de quantas palmas se uniriam em êxtase para o aplaudir, roubando-lhe os sorrisos e os pedaços de tempo que, no seu entender, só a ela deveriam pertencer.

Joon-seo, 준서, no seu coreano nativo, “o talentoso”, “o belo”. E essa beleza inabalável dele, essa suavidade de gestos, de palavras, os movimentos poéticos do braço segurando o arco sobre as cordas do violino, explorando o instrumento até ao limite de um êxtase que lhe tremia no corpo. Rita começou a sentir uma espécie de dor, por vezes quase física, ao pensar nesse prazer sobrenatural que Joon oferecia a todos os desconhecidos nas plateias. Um prazer que deveria ser só dela, mas do qual ela se sentia excluída.

Sentiu-o ali, à sua frente, uma projecção imaterial do seu corpo, frente à janela sentado na cadeira, com o violino apoiado no ombro, a cabeça ligeiramente inclinada sobre a esquerda, extraindo daquele instrumento toda a amplitude que as notas musicais lhe permitiam. Puxando cada vez mais pela sua acústica, forçando-o ao limite da tensão material dos seus elementos. Ouviu nitidamente o estalar de uma corda, exausta, rasgada na sua dignidade de quem deu tudo o que possuía e, ainda assim, não havia sido sapientemente capaz de agradar o seu mestre. Sentiu saudades dele, de todos os entardeceres em que o observava, de costas viradas para si, a brisa húmida do rio afagando-lhe a face.

Uma vez disse-lhe para o fazer de frente para ela, olhos postos nela, todas as notas da partitura refletindo nela, para que as pudesse beber como se fossem chá quente. Desde então, ele nunca mais tocou de frente para as águas do Tejo. Joon passou a tocar de frente para Rita, na varanda, sempre na varanda, para Rita, por Rita.

Porém, ela sentiu-se desafiada pelo gesto. Mais uma vez, viu-se como a mera espectadora da simbiose entre ele e o seu violino. Não era a ela que ele tocava, era o *Stradivarius* que merecia o toque das suas mãos e dos seus dedos ávidos.

Certa vez, enquanto Joon fazia uma digressão pelos Estados Unidos, uma digressão demorada, que a deixou demasiado sozinha, Rita tatuou, na parte

inferior das suas costas, as duas aberturas em forma de “f” que se encontram no tampo superior dos violinos. Quando ele regressou a casa, ela estava à sua espera, de costas, sobre a cama, ambas as formas de “f” recortadas na carne a tinta preta, tal como na madeira, dois traços de silêncio. Ela nunca soube se ele compreendeu o intuito do gesto, a motivação doentia que a levou a querer reflectir no corpo o *Stradivarius* dele. Não lhe explicou, teve receio de se ouvir a si mesma justificar por palavras esta atitude, tão absurdamente exacerbada pela sua ideia de o possuir e ser por ele possuída.

Pouco depois, Joon partiu outra vez. Partia sempre, outra vez... Ela poderia partir também com ele. Mas Rita entendia que ir seria abdicar até ao limite de si mesma, da sua existência enquanto pessoa e da vida que tinha construído antes de se terem conhecido. Mas ficar, fazia jorrar de si uma torrente de solidão insuportável, toda a ambiguidade de o saber amado por estranhos, de ver as reportagens e as entrevistas, como se Joon não fosse só dela, porque ele era só dela, não podia ser senão assim.

Conheceu-o no Porto, numa tarde de Inverno, quando a chuva, na sua miudez, trazia um imenso frio à rua. Rita tinha uma entrevista marcada com Joon no café da Casa da Música. Joon chegou ligeiramente atrasado, justificou-se com a Foz, dizendo-lhe que se perdera a admirar a chuva do meio-dia sobre o Douro. Nessa noite, ele tocou para ela a ária de Jules Massenet, *Méditation*, de Thaïs, no seu famoso *Stradivarius*, na intimidade da cama desfeita do quarto de hotel. Ah, sempre o malfadado violino!

Joon avançava por entre o nevoeiro da cidade. Londres sentia-se-lhe sempre como a sua terra natal na Coreia do Sul, Chuncheon, a *"cidade da neblina",* situada na província de Gangwon, cuja geografia se desenhava como uma enorme bacia acariciada pelas águas do rio Bukhan. A sua mente sussurrava-lhe recordações dos nevoeiros densos nas primeira horas de Outono, quando ele, menino, corria acompanhado dos seus amigos a caminho da escola, por entre a humidade opaca das nuvens baixas.

Joon assumia as suas caminhadas por *Kensington Gardens*, como um reviver de memórias dos ginkgos e das metasequoias da sua infância, esses gigantes da cidade com densas folhas a oferecerem as suas sombras frescas no Verão e a aspergir os prédios de mil e um matizes de dourados na luz transversa do Outono.

Em Londres sentia-se de certa forma em casa, acompanhado pelo buliço solitário e individualista dos seus habitantes, ninguém olhava para ele como se não fosse mais do que um elemento base da estrutura humana desta cidade. Enquanto caminhava, o seu pensamento dirigia-se quase sempre para Rita, sentindo a sua ausência como se sente a falta de um membro, um braço, uma perna, sem o qual podemos existir, mas não em pleno. Ela fazia parte dele, só junto dela conseguia atingir a completitude enquanto ser humano, enquanto homem e enquanto amante.

Lembrou-se do primeiro encontro, da chuva fina e persistente desse dia. Do exacto momento em que teve a certeza de que a amava. Numa idade em que Joon já começava a duvidar do destino, enquanto caminhavam lado a lado na sinuosa calçada portuguesa, ela abriu o guarda-chuva e colocou-o por cima das suas cabeças, aconchegando o seu corpo à proximidade do dele. Rita tinha a leveza de uma cultura diametralmente oposta à sua. Porém, foi essa liberdade de sentimentos, esse arrebatamento de uma gargalhada inusitada, que o fez ter a certeza de que seriam para sempre um do outro.

O nevoeiro começava a dispersar e Joon conseguiu distinguir a ténue silhueta arredondada do Royal Albert Hall, onde iria actuar dentro de algumas horas. Rita não quisera acompanhá-lo. Raramente o fazia. Joon sabia que ela tinha uma obsessiva preocupação com a liberdade, um não deixar transparecer qualquer tipo de dependência dele. Respeitava-a, ainda que a solidão de não a ter na plateia a aplaudi-lo lhe diminuísse toda a magnificência e reconhecimento dos restantes expectadores que o ovacionavam de pé.

Para Joon Rita era um mistério cuja necessidade de desvendar nunca foi imperiosa. Estavam juntos há mais de cinco anos, por entre as suas idas e vindas, talvez conseguissem espremer o tempo real e assumir que, na realidade, apenas tivessem estado fisicamente juntos em metade do mesmo.

Fizeram amor no hotel, enquanto a chuva escorregava cadenciadamente sobre as vidraças da janela. Joon interpretou para Rita as árias de violino mais difíceis que sabia, sobre a cama ainda quente.

Ela não se impressionou, ouviu-o com a atenção devida de quem não entende bem a dimensão do gesto e, pouco depois, disse-lhe que não iria passar a noite com ele, obviamente, saindo pouco depois. Joon deu-lhe o tempo dela e nada mais lhe disse.

Nessa noite a recordação de Rita dispersava-lhe o sono e Joon acabou por descer ao *foyer*, onde pediu uma chávena de chá tépido, de jasmim. À sua frente, um grupo de pessoas conversava, uma das mulheres, a mais velha, levantou-se e dirigiu-se-lhe: *"Forgive the intrusion, sir… you are Joon-seo, the renowned violinist, are you not?"*[3]. Ele acenou em afirmativa. A mulher olhou para os companheiros e sorriu-lhes. Voltando a Joon, questionou: *"Would you be so kind as to play something for us? We would gladly offer you a glass of Port in return."*[4] Joon explicou que se ficaria pelo chá, mas que teria todo o prazer em tocar para eles por alguns minutos. Foi buscar o violino e interpretou as mesmas árias que havia, há pouco, interpretado para Rita. Mais pessoas se juntaram, em total admiração. Tocou mais do que minutos, tocou horas, imaginando que aquele grupo de pessoas eram ela e que as expressões de apreço nas suas faces seriam as suas. E, sempre que tocou, nunca mais deixou de pensar desta forma, centenas de plateias cheias, que para Joon eram apenas e só ela.

Com o passar do tempo começou a senti-la cada vez mais obsessiva, não com ele, mas com a ideia de não precisar dele. Incomodava-o a distância que ela ia criando entre os dois, dividindo-os como que por um rio cujo caudal cada vez mais denso alargava o contacto, ambos em margens silenciosamente distantes.

Joon guardava consigo, um gancho de cabelo em jade, do qual pendiam duas pérolas cor-de-rosa seguras por delicadas correntes de ouro, que comprara propositalmente num antiquário da sua cidade natal, na Coreia, para oferecer a

---

[3] Em português: *"Perdoe-me a intromissão, senhor... é Joon-seo, o famoso violinista, não é?"*

[4] Em português: *"Seria tão amável ao ponto de tocar algo para nós? Teríamos todo o gosto em oferecer-lhe um copo de vinho do Porto em troca."*

Rita como símbolo do compromisso que queria firmar com ela para o resto da vida. Ainda não tinha tido coragem de lho dar.

Antes de partir para este concerto, ela questionou-o se poderia, só daquela vez, não levar consigo o *Stradivarius* e interpretar as suas peças em outro qualquer violino, todos menos aquele. Dissera-lhe ela. Joon acedeu, pensando que o gesto lhe acalmasse a alma.

Rita, levantou-se, lânguida, deslizando os pés descalços por entre os destroços no chão. O mesmo raio de sol, agora mais firme, lambeu-lhe os tornozelos. Dirigiu-se à janela, contemplou o rio Tejo na sua calma caminhada para a foz, não levava nada consigo além do espelho alcalino das suas águas. Seguiu para a cozinha, colocou a chaleira ao lume e tirou do armário a sua melhor chávena de chá, um exemplar *Wedgwood*, que Joon lhe trouxera de Londres. Fora a primeira prenda dele. Servia perfeitamente para a ocasião. Sentada à mesa, abriu a pasta de partituras antigas de Joon e espalhou-as à sua frente. Encontrou o que procurava, o Capricho n.º 24, de Niccolò Paganini, rasgou dois ou três pedaços e colocou-os no fundo da chávena. Cerimoniosamente, despejou a água a ferver sobre eles e apreciou o modo como o líquido se começava a tingir de negro. Levou a tisana consigo e voltou a sentar-se no mesmo sítio.

O gato, apercebendo-se dela, esticou o corpo ágil ao sol e deixou-se cair no soalho. Rita viu a cena de antes, sobressaltou-se, pousou a chávena na mesinha e, como se sobre si, naquele momento, tivesse descido a consciência do acto, foi consumida pelo pânico das consequências. A clara noção de haver partido o coração dele, naquele preciso e exacto instante em que o *Stradivarius* se havia estilhaçado no chão. Desceu sobre ela a plenitude do vazio impotente de quem sabe que um coração partido jamais se conserta sem deixar os estigmas de onde brotaram as feridas.

Instantes depois, sentiu os passos de Joon nas escadas, subindo cadenciadamente os degraus de madeira, ouviu-o abrir a porta. Uma rajada de vento entrou pela janela e fez deslizar a camisa de linho que ela tinha vestida, expondo o seu corpo. Estava sentada, tão desfeita como o *Stradivarius*, em mil

partículas de arrependimento, esmagada pelo silencio que agora se erguia entre ambos sufocando o grito de desculpas que lhe assomava a garganta.

Joon sentiu o gancho de jade pressionar-lhe o peito, no bolso interior da lapela, mas não teve coragem de lhe fazer o pedido. Haveria mais momentos…

Caminhou para ela, sem dizer nada, ajoelhou-se e passou-lhe os dedos pelos "efes" negros tatuados de ambos os lados das suas costas em forma de violino, e, num calmo sussurrar de palavras, a sua boca tocou-lhe ao de leve no ouvido, enquanto lhe disse: *"I love you still."*[5]

Ela só o pensou, e o silêncio foi ocupando o lugar de tudo o resto.

FIM

[5] Em português: *"Ainda te amo."*